RESERVADO
2000
B. N. L.

Res
2000

AVENTURAS

DE

BAZILIO FERNANDES ENXERTADO

OBRAS MODERNAS

QUE SE ACHAM Á VENDA NA LIVRARIA

DE

ANTONIO MARIA PEREIRA

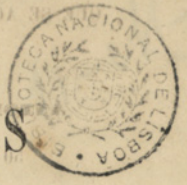
50—RUA AUGUSTA—52

Versos de Bulhão Pato, 1 vol. br.	800 réis.
Tradições e phantasias, collecção de romances de J. M. de Andrade Ferreira, 8.º br.	500 »
Coração, cabeça e estomago, romance de Camillo Castello-Branco, 1 vol. br.	500 »
Coisas espantosas, romance por dito, 1 vol. br. .	500 »
Scenas innocentes da comedia humana, collecção de romances, por dito, 1 vol. br.	500 »
Contos sem arte, collecção de romances originaes de costumes portuguezes, por D. José de Almada, 1 vol. br.	600 »
Luz coada por ferros, collecção de romances e outros escriptos de D. Anna Augusta Placido, 1 vol adornado com o retrato da authora, brox.	700 »
Estrellas funestas, romance de Camillo Castello-Branco, 1 vol. br.	500 »
Estrellas propicias, romance por dito, 1 vol. br.	400 »
Scenas e phantasias de nossos tempos, por A. P. Lopes de Mendonça, 1 vol. br.	500 »
Theatro para rir, collecção de quarenta comedias jocosas, modernas, formando 4 volumes, brox.	4:000 »
Vende-se cada comedia separada pelo preço de	100 »

Esc. 16450 COMPRA

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

Res 2000



AVENTURAS

R. 80372

DE

BAZILIO FERNANDES ENXERTADO

LISBOA
LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA
50—Rua Augusta—52
1863

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Imprensa de J. G. de Sousa Neves—Rua do Caldeira, 17

I

Nasce o heroe. A cabeça e as espertezas do mesmo.

Bazilio Fernandes é um sujeito de trinta e sete annos, com senso-commum, engraçado a contar historias de sua vida, activo negociante de vinhos no Porto, amigo do seu amigo, e bastante dinheiroso —o que é melhor que tudo já dito e por dizer.

Seu pai chamou-se José Fernandes, por alcunha o *Enxertado*. Pegou-lhe a alcunha, por que, sendo elle natural de uma aldeia d'aquelle nome em Tras-os-montes, quando já era caixeiro, muitas vezes dizia aos seus companheiros de passeata, aos domingos: «O Porto é boa terra; mas lá como o Enxertado ainda não puz os olhos n'outra!». A caixeirada, menos sensivel á saudade das suas aldeias, ria do moço, e, por mófa, lhe chamava o *Enxertado,* alcunha

que elle ajuntou ao seu nome com honras de appellido.

Casou José Fernandes com Bonifacia Teixeira, filha do patrão, que negoceava em azeite, depois que enriquecera na sua mercearia do largo de S. Bento.

Bazilio foi o primogenito e unico. Nascêra muito gordo e extraordinariamente volumoso. Tinha a cabeça igual ao restante do corpo, e uns pés dignos pedestaes do capitel da irregular columna. Em quanto ao tamanho descommunal da cabeça, foi isto motivo para muitas alegrias em casa: no parecer d'aquella mãe ditosa, a grandeza da cabeça era signal de juizo, e o tamanho das orelhas correlativas signal de bom coração. O pai, como não tinha idéas suas ácerca de orelhas, abundava nas de sua mulher, posto que de via certa soubesse que um máu visinho da porta dissera que o seu Bazilio era aleijado, e sahiria com orelhas de burro, se se demorasse mais tres mezes no ventre materno.

A casa do mercieiro ia um frade carmelitano de optimos costumes, ainda parente transversal da senhora Bonifacia. Era opinião de frei Silvestre do Monte do Carmo que a volumosa cabeça do menino significava talento. Este prognostico abalava mediocremente os animos dos pais, que não sabiam o que era, nem o para que servia n'este mundo o talento.

—Se as religiões não acabarem, como por ahi agouram os impios—dizia o frade—este menino póde vir a ser um grande sabio n'uma ordem rica.

—O que eu quero—accudia o pai—é que elle seja um negociante fino, e que dobre o patrimonio com a sua agencia.

O prognostico de frei Silvestre, um anno depois, ficou prejudicado com a mudança do reinado. Acabaram as religiões, agouradas pelos impios; e a cabeça de Bazilio, no intender do frade, ficou sendo uma cabeça inutil, e malograda, a qual devêra ter vindo e florescido em orelhas, e idéas do tamanho das orelhas, cincoenta annos antes.

José Fernandes, como o filho tivesse oito annos bem espigados, comprou-lhe um *A b c*, e foi leval-o á escóla. Era a cabeça de Bazilio, no dizer do mestre, muito mais dura, e tapada, e maior que a bolla de pedra da torre dos Clerigos. Ao cabo de tres mezes, Bazilio já conhecia um *o* e um *i;* mas, se lhe tirassem o ponto ao *i,* chamava-lhe *o*. O mestre seguia o systema da pancadaria, systema o mais racional de todos com cabeças d'aquelle feitio. Bazilio entrava em casa a chorar, a mãe sahia de mantilha a descompôr o mestre, o mestre, exhauridas as razões, descompunha a senhora Bonifacia, e assim andaram, ora melhor ora peor, até que Bazilio aprendeu o abecedario, ás direitas, ás avessas, e salteado.

Aos dez annos, na cabeça do menino, não direi que se fizesse um grande clarão de intendimento; mas seria injustiça negar faiscas áquella pedreneira ferida pelo fuzil da palmatoria. Bazilio já soletrava; e fazia riscos, tortos é verdade; porém, a senhora

Bonifacia, tão vaidosa estava d'aquelles riscos, que andava mostrando ás visinhas a *materia* do seu menino: «materia», n'aquelle tempo, era o que hoje mais polidamente se chama *traslado*.

N'aquella idade, entre os dez e onze annos, parou de crescer a cabeça de Bazilio. Phenomeno, certamente! O tronco e as extremidades avolumaram-se em boa conformação; a cabeça, porém, ficou esperando o proporcional desenvolvimento das demais partes. Quem deu primeiro por isto foi a discreta senhora Bonifacia, observando que o chapeu braguez dos nove annos lhe ajustava perfeitamente aos onze. Esta razão não é tão judiciosa como parece ao primeiro lanço: o ponto de apoio do chapeu de Bazilio eram as orelhas; todos os chapeus lhe assentavam bem, com tanto que as orelhas não ficassem inclusas, o que seria impraticavel, sem dar ao chapeu a fórma de uma canôa transversa.

Que a cabeça não cresceu desde os dez até aos dezenove annos, isso vê-se e mostra-se, apezar da sciencia, na serie de chapeus correspondentes aos decorridos nove annos, chapeus, que Bazilio conserva, datados no forro, por mão de seu tio frei Silvestre, que, nos ultimos annos de sua vida, não estudou se não a cabeça do sobrinho, e a estrada da salvação de tres confessadas suas, cujo herdeiro elle foi.

Este phenomenal pousio da cabeça exterior parece que, no interno, foi causa de fertilisação igualmente pasmosa! Bazilio aprendeu a lêr, desmentin-

do o mestre, que apostava pela irremediavel negação do idiota. Em escripta, particularmente no bastardinho, deu invejas aos mais louvados condiscipulos. Em contas, desde as quatro operações até quebrados, foi um pasmar de rapidez e intelligencia! Era um reviramento completo!

Agora, diremos de fugida algumas outras espertezas de Bazilio Fernandes Enxertado n'esta sua puericia e começos de adolescencia.

Paredes meias com a loja de mercearia paterna, morava uma doceira, que expunha no peitoril da janella terrea uns taboleiros de verga com manjares brancos e pasteis de seu fabrico. Gosavam estes pasteis justos creditos de muito bem feitos, tanto assim que a senhora Bonifacia em dias santificados mandava comprar, além do salamin de tremoços, tres pasteis, que merendava com o marido e filho. Bazilio berrava sempre por mais; mas, desde os nove annos, deixou de berrar, por que, segundo elle confessa agora, a respeito de pasteis trazia o bucho tão cheio que lhe chegava com o dedo. Este enchimento de buxo é que é uma esperteza digna de escriptura. Bazilio, quando o deixavam sósinho na loja, cogulava o chapeu braguez de assucar da barrica. Tres chapeus a botar fóra pesavam doze arrateis, e enchiam uma ceira de figos. Assim que elle podia passar a ceira á visinha, recebia em troca duas duzias de pasteis, que elle escondia debaixo da cama. Esta permutação durou dez annos, duas vezes por semana. Calcula

Bazilio que a doceira lucrou pelo menos n'aquelle espaço de tempo, a seis mil réis mensaes, a quantia de setecentos e vinte mil réis. Ora, como um filho d'esta doceira é em nossos dias commendador de duas ordens, Bazilio, quando acerta de o vêr passar na sua carruagem, costuma dizer: «Aquelle negoceia as commendas como a mãe negoceava os pasteis.» Eu não acho graça nenhuma a este remoque; elle, porém, ri-se muito da sua graçola; e o commendador ri-se d'elle.

Outra esperteza de Bazilio era a jogar o botãosinho. No pateo do mestre-escóla havia uma cova, em roda da qual os rapazes se ajuntavam a jogar os punhados de botões. Bazilio tinha uma unha tão certeira, que mesmo a distancia incrivel apostava a incovar o seu botão, e ganhava, na roda do anno, grozas e grozas, que uma adéla da rua Chã lhe comprava a cem réis a groza. Em dia de liquidação d'este negocio, Bazilio tomava uma fartadella de cavacas de Paranhos, e dava dez réis ás almas, que elle invocava sempre que começava a jogar.

A ultima esperteza de que eu me lembro é ir elle a miudo ao convento de Villa-Nova onde estava como criada uma prima de seu pai, e ia lá a miudo dizer que a mãe estava rouca. A criada ia logo buscar um cartucho de rebuçados de avenca, e o velhaco dava com elles no bucho. Estas e outras espertezas conta o meu heroe, com tamanha satisfação da sua pessoa, que, áparte a semsaboria dos episo-

dios, a gente de gosto deve ouvil-o podendo, para fazer uma idéa da felicidade que Deus dá a certas pessoas, e da felicidade que Deus tira a outras.

II

As delicias portuenses do peixe frito, antes da civilisação.
Custodia banhada pela luz do seculo.
Bonifacia sustenta as saudaveis doutrinas da estupidez.

A senhora Bonifacia era madrinha da filha de um despachante da alfandega. Orçava a menina pela idade de Bazilio. Até aos nove annos chamou-se Bonifacia; depois, como as condiscipulas lhe chasqueassem o nome, crismou-se em Custodia, que era o nome de sua mãe. Não melhorou.

As duas familias viviam muito chegadas, e iam juntas, em dias santificados, merendar ao Reimão, ou a Val-bom, peixe frito, sallada, e azeitonas.

Este peixe frito era n'aquelle tempo um recreio muito dilecto das familias do Porto, já distinctas por abastança commercial. Vivem ainda muitas illustres matronas, que se pejam agora de contarem as ditosas horas da mocidade, que passaram, no peixe frito

de Val-bom e do Reimão. Os vinte annos volvidos de progresso, progresso de trevas em que cahiram aquellas alegres almas, está-lhes sendo agora mortificação de vergonha, se acaso algum contemporaneo, em hora de sinceridade e talvez poesia, diz a alguma d'essas contrafeitas victimas da civilisação: — «Lembra-se a senhora baroneza d'aquellas felizes tardes do savel assado e das azeitonas de Sevilha em S. Roque da Lameira?»—Esta injuriosa pergunta é feita á illustre dama, no momento em que ella esconde as mãos grosseiras na lustrosa pelle do regalo, ou contorce os pés, saudosos da liberdade antiga, no constrictor polimento, e nas outras muitas compressas dolorosas com que a austera natureza se está vingando.

Venturosas, a mais não poder, eram as duas familias, aparentadas espiritualmente, em cada domingo, que Deus mandava a este mundo! A ordem processional da jubilosa caravana era a seguinte: Na frente iam Custodia e Bazilio dando-se as mãos. Alguns passos a distancia, marchavam n'um andar mesurado, grave, ponderoso, e solemne, José Fernandes Enxertado, e seu compadre Manoel José Borges. Alguns passos atraz, iam as senhoras Custodia e Bonifacia, com as mantilhas de durante apanhadas na cintura, as côcas arregaçadas, e os vestidos apanhados, deixando vêr meio palmo da saia branca guarnecida de rendas folhudas, ou assarapantada rêde de bordados. Sobre os alterosos seios de cada uma, cahiam as

roscas dos cordões de ouro, com pingentes de varios feitios, como corações, cruzes, medalhas de sagrados lenhos, ou outras santas reliquias.

José Fernandes e seu compadre vestiam regularmente casaca de antigo e forte panno amellado, inchouriçada na gola, e fina de abas, cujas pontas se crusavam sobre o artelho. Cada qual tinha sua bengala de canna da India, acastoada de marfim, com cordões pretos e borlas de retroz. No luxo dos berloques dos relogios, José Fernandes Enxertado levava enorme vantagem ao compadre, posto que este se considerasse melhor servido em fabrica de relogio, cujo tamanho, n'estes nossos dias de coisas insignificantes, daria um regular relogio de parede.

E assim iam os dois afortunados casaes, caminho de Val-bom ou S. Roque da Lameira. As comadres desenferrujavam as linguas a fallarem dos pequenos, do amanho das teias, dos cevados que estavam engordando, dos furtos das lavadeiras, e das massarocas que fiavam as calaceiras criadas. Os compadres fallavam de direitos de alfandega, do modo de enganar o fisco, do contrabando em que alguns visinhos do Enxertado tinham enriquecido, e da maneira de enriquecerem elles tambem, posto que Manoel José Borges tinha uns principios de virtude duros e incombinaveis com o animo ambicioso do já abastado mercieiro. Os pequenos lá iam adiante, ora garrulando atraz de alguma lagarticha, ora colhendo das ribas marginaes do caminho alguma flor silves-

tre, ou amora madura, com que enfarruscavam os beiços, e tiravam d'ahi materia para muito riso, ao qual os pais e mães ajuntavam a sua complacente gargalhada.

Chegados ao quintalejo, onde se comia o peixe frito, abancavam debaixo de uma parreira, em cujos troncos as matronas penduravam as mantilhas cuidadosamente dobradas pelo fêsto, e elles as casacas com igual esmero.

Depois, vinha a bandeja vidrada do savel, regulando a duas postas por cabeça, e um alguidar de alface, que as esposas temperavam, e os maridos mexiam, dizendo cada um seu anexim, sempre o mesmo, a respeito da sallada; por exemplo: «quer-se temperada por um cego» e o outro infallivelmente ajuntava: «e mexida por um doudo». E com isto riam até dizerem que já lhes doiam as barrigas.

A caneca do vinho era commum dos seis. Os meninos limpavam os beiços para beberem, como é de razão que faça toda a gente; mas Bazilio, por brevidade de tempo, ou distracção, limpava os seus ao canhão da jaqueta.—«Não sejas porco, Bazilio!»—dizia a Custodinha; e o menino, em despique da reprehensão, tirava-lhe o lencinho bordado da correia afivellada da cintura, e enxugava n'elle os beiços oleosos. A menina gritava, a mãe franzia o sobrôlho, e Bonifacia e o marido achavam graça á travessura do *cabeçudo*, como a pequena raivosamente lhe chamava.

Esta alegre scena repetia-se sempre, quatro vezes por mez desde março até setembro, e no coração do inverno, em domingo solheiro, lá iam ao linguado, á tainha, ou ao arroz de marisco.

Acabaram-se estas funçanatas, depois de quatorze ditosos annos. Custodia tinha ido, ao entrar nos quinze, para casa de uma professora de piano, onde encontrou condiscipulas cuja convivencia em dias feriados lhe comprazia mais que os passeios a Val-bom. Estas meninas eram já d'aquellas que principiavam a escarnicar das costumeiras burguezas do peixe frito, por que suas mães se haviam já policiado, e davam bailes onde iam doutores, authoridades, e fidalgos das provincias do norte. Custodia, ouvindo isto, foi de má vontade ás ultimas merendas, e ahi de peor semblante recebeu os chistes e selvagens brinquedos de Bazilio, cuja cabeça, como dissemos, já não vegetava n'esse tempo; mas nem por isso em geitos e maneiras o mazorro do rapaz se compozera melhor.

Era de vêr que Custodia lhe retirasse a pouco e pouco a confiança dos annos pueris; elle, porém, teimava em lhe puchar pela saia, e atirar-lhe bolinhas de pão á cara, quando estavam meredando. Os gestos infadados da menina desagradavam á senhora Bonifacia, que descomedidamente dizia á comadre:

—A minha afilhada está-se fazendo muito discreta! Vocemecê não vê aquelles modos de serigaita, desde que toca no cravo?

—É que ella está quasi senhora, e bem vê, minha comadre, que os genios mudam com os tempos —dizia a senhora Custodia.

—Ora mudam! ella é que se está a querer fazer alguem que vem de algures! Quando o meu Bazilio lhe diz alguma graça, ella faz uma carêta, e berra: «Deixe-me, que me amarrota.»

—Pois ella!—tornava a prudente comadre—coitada! tem lá os seus vestidinhos de cassa, e não quer que lh'os amarrotem. Nós, senhora comadre, quando eramos da idade d'ella, faziamos o mesmo.

—Sabe que mais, comadrinha?—replicava a senhora Bonifacia, cada vez mais assanhada com as satisfações meio prudentes e meio ironicas de Custodia —Dê-lhe nas ventas para traz á rapariga, senão olhe que não sei, mas... boa sahida não lhe dá ella... Isto de meninas, quando entram a cuidar que são bonitas, e a olharem muito para a sombra... a coisa não vai boa!... Eu, se fosse a vossemecê, comadre Custodia, o que fazia era mandal-a trabalhar em casa. Tocar piano? de que serve tocar piano?! Deixe isso lá ás ricas, e cuide de fazer a sua filha boa mulher de casa, e arranjadeira, que é o que quer um marido!

—Pois, sim, sim—atalhou Custodia—mas a comadre que quer?! O meu Manoel embirrou p'ro piano, e não ha remedio a dar-lhe. Depois, quer tambem que ella cante, e aprenda o francez...

—Ai! que está o mundo perdido!—clamou Bo-

nifacia, com as mãos na cabeça—Ó mulher! meu compadre está doudo?

—Ágora está! bemdito seja o Senhor, doudo não está elle.

—Aprender francez uma rapariga que não tem, por morte dos pais, se não o dia e a noite!... Jesus, santo nome de Deus! Padre, filho, e espirito santo! Esta cá me fica! Ó comadre, vocemecê diga ao seu homem que tenha juizo; e, se lh'o não quer dizer, digo-lh'o eu, ou mando lá o meu José! Vossês botam a perder a moça! Estão a encher-lhe a pelle de vento, e depois verão como ella vai por esses ares fóra que não ha quem tenha mão n'ella!

—Não ha de ser assim, se Deus quizer—redarguiu pacificamente Custodia, lançando a mantilha com disfarçado enfadamento—Lá por ella ser pobre, isso, comadre Bonifacia, pobres só são os da graça de Deus. Os ricos comem tres vezes, e os pobres uma.

—Ó mulher!—interrompeu a mercieira—Não vá zangada, que eu não lhe disse isto por ter mais alguma coisa que vossemecê. Bem sabe que soberba é coisa que não entra em minha casa. Ha muitos annos que nos conhecemos, e eu nunca me envergonhei de andar com vossemecê por essas ruas da cidade.

—Pois a senhora comadre não tinha de que se envergonhar! Meu marido é pobre, mas honrado como os que mais o são, e mais do que muitos que passam por o serem.

—Quem lhe diz menos disso?

—Ninguem, louvado Deus! isto veiu á conta de vossemecê dizer que andava comigo pelas ruas. Pedi-lhe eu alguma coisa, comadre?

—Não, e se pedisse havia de achar-me.

—Quando iamos a Val-bom, o seu homem pagava uma vez, e o meu outra.

—Olha que mulher!... Abre-te-nuncio! quem lhe falla agora em pagar?

—Queria eu dizer, senhora comadre, que os pobres não pesam aos ricos, e que eu, com a minha pobreza, dou tantas esmolas como vossemecê com a sua abundancia.

—Ó mulher!—retorquiu já abespinhada a mãe de Bazilio—Eu estou-lhe a fallar na Custodia, e vossemecê a dar á cravelha p'ró outro lado!

—A Custodia ha de aprender o que seu pai quizer que aprenda. A senhora não tem nada com isso; e ella, se fizer o mal, p'ra si o faz! Adeusinho, fique com a graça de Deus.

—Venha cá, comadre!...

A senhora Custodia não retrocedeu: ia a fumegar, e a resmungar, como quem dissera menos do que devia.

Bonifacia amezendou-se no esteirão com um arremeço de raiva concentrada, e murmurou:

—Má mez p'ra ella! Olha a pobretaina que soberba tem! Comigo ao peixe frito não tornas tu! Anda lá qué estás creando uma filha d'aquella cas-

ta! Assim é que o demonio as quer! Francez e piano! Ora, já viram!? Eu sou rica, e não quero que o meu Bazilio aprenda mais do que sabe; e ella que não tem onde cáia morta... Eu t'arrenego, coisa ruim!

E, assim monologando, ia cozendo uma sacca de carregar arroz, em quanto Bazilio passava a ceira do assucar á visinha dos pasteis.

III

O heroe em mangas de camisa.

Manoel José Borges era inclinado a grandezas, e andava de más avenças com a mediania dos seus recursos. Claramente se nos revella o arrojado animo do despachante da alfandega, que faz ensinar piano á filha, e tenciona illustral-a com a lingua franceza, geographia, e historia.

Custodia... Já não era Custodia. Ahi a temos agora com um terceiro nome. Acceite-m'a o leitor segunda vez chrismada em Itelvina, e desculpe-a, que o nome da primeira chrisma era tão desgracioso e plebeu como o do baptismo.

Custou dissabores á mãe este desprezo do seu nome; porém, o pai apoiara e deferira ao requerimento da filha, documentado com sinceras lagrimas e seductoras caricias. É que as condiscipulas a molestavam com risinhos; e, de mais a mais, a mes-

tra tomára uma cosinheira chamada Custodia, e as meninas travêssas, para estremarem a condiscipula da criada, faziam o favor injurioso de a denominarem *Custodia 1.ª*

Itelvina, pois, com mudar o nome, até no espirito se sentiu mais senhoril. Esta apparente futilidade deixa de ser absurda, se meditarmos que, no sexo forte, ha casos d'estes: tal sugeito, que hontem humildemente se assignava com um appellido vulgar, accrescenta ou substitue a capricho a herança dos modestos avós, e como que sente algum grande effeito de uma operação tão simples. A indole mesma do homem se recompõe, ao que parece. Creio que era o actor Keen que pensava heroicamente na estação em que representasse o papel de Coriolano ou Cezar. Não é muito que a mudança de appellidos, proveniente de um desejo de nobilitar com elles o nome, influa muito no moral da pessoa. Um homem, chamado Pedro Dias não tem obrigação de ser tão levantado de espiritos como outro que se chama Pedro Mascarenhas. Mudai o plebeu *Dias* no heraldico *Mascarenhas*, e tereis feito de Keen um Cezar. É comedia, isso é verdade; mas o que é este mundo senão comedia?

Itelvina aprendêra a dançar, e com muita elegancia o fazia. Aqui vem o relanço de se dizer algumas poucas palavras do exterior d'esta menina, que vai em dezoito annos, idade em que a natureza não tem mais que dar.

Era Itelvina pouco de si em quanto a carnes, construida mui a sabor dos melhores poetas, os quaes folgam muito de vestir ossos de flores, como os rapazes que sobre um pausinho formam vistoso palmito de cerejas.

A magreza, porém, era grande parte para os captivantes realces da elegancia: isto gosam as senhoras magras, que formam a cintura onde lhes praz, e corrigem a natureza, sovina em ilhargas e hombros, com algumas pastas de algodão, especie de fôfo ninho onde o amor se esconde, armando ciladas a incautos.

Itelvina, bem amestrada por algumas condiscipulas de compleição delicada, vestia-se a primor, e tão farta dos relevos, que mais ferem olhos de duvidosa castidade, que sua mãe, a comedida senhora Custodia, a primeira vez que assim a viu *tirada das canellas*, como plebeamente dizia, lembrou-se dos agouros de Bonifacia, assim formulados no anterior capitulo: «Vossês botam a perder a moça! Estão a encher-lhe a pelle de vento, e depois verão como ella vai por esses ares fóra que não ha quem tenha mão n'ella.»

Voltando ao esboço dos encantos de Itelvina, afóra os artificios e composturas necessarias, hei-de dizer em muita verdade que a filha de Manoel José Borges tinha dons naturaes, que bastavam a distinguil-a entre muitas meninas sympathicas, senão bonitas. Olhos negros, e cabellos negros em rosto oval e pallido, labios breves e escarlates, nariz fino coando

no setim das cartilagens uma luz rosada, brilhantes dentes, que pareciam querer velar sua modesta belleza na brevidade do sorriso... Se isto não é riqueza natural para muito valor de uns dezoito annos, não sei bem o que é formosura!

Exceptuarei pé e mão. Ahi é que a natureza obedeceu ao caracteristico d'aquella familia. Itelvina flagellava os pés, com a paciencia de uma chineza, e alcijava as mãos no intuito de aperfeiçoal-as. Era a desgraça da triste menina; mas mal sabia ella que tinha compensações de sobra para se não lastimar nem macerar-se em occultos supplicios, e taes que poderia ganhar o ceu com muitos menos, se aspirasse á bem-aventurança infinita, e não a um pequeno pé. Faz pena este desconcerto; mas é verdade! Pobres mulheres, que tanto soffrem por amor de nós, e nós barbaramente rimos d'isto! Eu não; nem tu, meu presado Karr, que já protestaste contra o riso insultador dos que zombam da mulher idosa que nos quer mentir mocidade para nosso bem!

Itelvina, como se disse, dançava com summa graça, a graça de 1847, que não era esta pesada, hirta, britannica, e funeraria andadura das contradanças dos nossos dias. Onde a seriedade se foi anichar! nas danças!...

Viu-a o pai bailar com tres amigas, que a visitaram n'um domingo de tarde, e gostou muito da prenda. A senhora Custodia, que constrangidamente acceitava o *dom* das condiscipulas de sua filha, con-

formou-se com o gosto de seu marido, e achou que a sua Itelvina a dançar era muito mais bonita e airosa que as outras. Era isto verdade, nada encarecida por amor maternal.

Succedeu, dias volvidos, algumas familias do commercio mediano combinarem alugar uma espaçosa casa onde se reunissem aos domingos, e formassem bailes, concorridos por pessoas capazes, segundo a rigorosa escolha da direcção. Deu-se logo execução à innocente e civilisadora traça. Alugaram casa na rua de Santo Antonio do Penedo, a casa chamada do *Christóvinho*.

Muitos caixeiros se alistaram na sociedade, que foi mythologicamente chamada *Therpsichore*. Dançavam ali, desde as tres horas da tarde, exercitando-se, os caixeiros que, ao anoitecer, iam vestir as casacas para voltarem.

Manoel José Borges foi convidado a pertencer à sociedade na qualidade de director. Acceitou a honra, e o encargo de levar sua familia aos bailes domingueiros.

Era coisa nova para D. Custodia o baile. (Seria teima descortez não antepôr o *dom* ao nome da consorte de um director da Therpsichore!) Chegára aos quarenta e dois annos a digna esposa do laborioso despachante sem saber o que era vestir-se em corpo, e sahir de casa sem a sua mantilha.

Itelvina fez impressão, quando entrou na sala. Vestia de branco, como as suas tres amigas, filhas

de um negociante de solla da rua do Souto, com as quaes, já notadas por sua elegancia, se vestiu. Era a rainha do baile; todos os caixeiros sabiam dizer que era ella a rainha do baile.

D. Custodia, como é de vêr, quiz que sua filha, no fim de cada contradança, fosse sentar-se á beira d'ella; porém, ao terceiro convite, a cautelosa mãe consultou o marido por estes termos:

—Ó Manoelsinho, olha que a menina já bota os bofes pela bocca fóra! Não a deixes bailar mais.

—Isso não póde ser—respondeu o despachante, que se presava de saber as leis da etiqueta.—É incivilidade regeitar os convites. Deixa dançar a pequena, que está no seu tempo.

N'este lanço, entrou na sala Bazilio Fernandes Enxertado, que era socio fundador da Therpsichore.

—Já viste a rainha do baile?—perguntou-lhe um retrozeiro visinho.

—Quem é?!—acudiu elle.

—Acolá a tens: é a filha do Manoel Borges despachante.

—A Custodinha?! É verdade! deixa-me lá ir.

—Conhece-la?

—Ora, se conheço! é afilhada de minha mãe.

Bazilio chegou ao pé de Itelvina, no momento em que ella se erguia para ir dançar com um sujeito de bigode e pêra, aspeito nada commercial, e maneiras delicadas.

—Estás por cá, Custodinha?—disse Bazilio com toda a sincera e brutal alegria de quem não via a sua amiga de infancia, desde a ultima merenda de Val-bom, um anno antes.

Itelvina purpureou-se levemente, quando Bazilio a interrogou pelo seu abominavel ex-nome de Custodia, e não respondeu.

O sujeito, que a tinha já encostada ao braço para romper a valsa, encarou Bazilio de certo modo, e logo em Itelvina com ar de estranheza; e, vendo que nem elle repetia a pergunta, nem ella respondia á palerma suspensão do enfiado moço, entrou no redemoinho dos valsantes, deu algumas voltas, e parou no lado fronteiro.

Bazilio, quando os viu parar, rompeu por entre os pares que dançavam, e foi direito á afilhada de sua mãe. Estava a menina respondendo aos reparos do seu parceiro, que lhe perguntára o nome d'ella, accrescentando:—«Disseram-me que v. ex.ª se chamava Itelvina; e aquelle sujeito, que me pareceu tolo, chamou-lhe Custodia.»—N'isto, chegou Bazilio, e disse-lhe com desabrimento:

—Já me não conheces, ó Custodia?

—Conheço, porque não hei-de eu conhecer-te? —balbuciou Itelvina.

—Podia ser, por que já te não vejo ha mais de anno. A ultima vez foi no peixe frito em Val-bom. Lembras-te?

Itelvina corou; e o parceiro, que tinha estado

em Cintra, onde a musica em frente do Paço se chamava o *peixe frito*, cuidou que os portuenses, por imitação, tambem assim denominavam os seus recreios philarmonicos em Val-bom.

—Estás uma mulher, Custodia!—continuou Bazilio.

—Esta senhora não se chama Custodia—disse o sujeito.

—Não?! ora essa!... quer o senhor ensinar-me a mim como ella se chama? perguntou Bazilio com mal humorado riso.

—Sou Itelvina—acudiu a menina.

—Então mudaste outra vez?!—tornou Bazilio —Se assim vais, gastas os nomes todos!

O filho de Bonifacia achou que tivera graça, e riu-se muito da sua lembrança.

O desconhecido do bigode cingiu outra vez Itelvina, girou algumas voltas, e foi sental-a ao pé da mãe, que suava de atrigada, por vêl-a andar tanto tempo ao redor, e cuidar que sua filha estava oirada.

Este sujeito, antipathico aos caixeiros, era um provinciano, filho do director da alfandega de Bragança. Chamava-se Henrique Pestana. Teria vinte e cinco annos. A presença era insinuante, distincta, e como de pessoa habituada a viver em salas, e tratar senhoras. Havia elle cursado a faculdade de direito até ao terceiro anno, sempre mimoso de *rr:* d'ahi em diante, como a vida sujeita lhe não quadrasse, Henrique fez da batina e capa um pretexto

para a mezada, e creou renome de bom jogador de bilhar, optimo bebedor de cognac, e—o que mais espanta—renome de talento!

Isso tinha Coimbra de ha quinze annos. Se um moço palavroso, satyrico, desleixado em sua compostura, ebrio, insultador de verdeaes, maldizente de mestres, não conseguia a estimação publica, era pelo menos certo grangear fama de talento, e um desgraçado prestigio entre seus contemporaneos mais convisinhos dos seus vicios. Estava inscripto no numero de taes glorificações Henrique Pestana, e tinha invejosos amigos que andavam á porfia de o igualarem, ao menos, na faculdade absorvente dos liquidos, já que não podiam emparelhal-o no gume do sarcasmo e exquisitice das zombarias.

O pai de Henrique, pessoa de mean fortuna, sacrificava-se á formatura do seu unico filho, e sacrificou-se ainda já depois que Henrique deixara a universidade, e fôra para Lisboa, onde vivêra dois annos uma folgada e libertina vida. Ameaçado de abandono pelo pai, sahiu de Lisboa, em direcção a Bragança, e obteve licença do velho para demorar-se no Porto, durante a época do carnaval, que era n'aquelle tempo, o que Veneza talvez não fosse nunca.

Alguns condiscipulos portuenses, e nomeadamente Alberto da Gama, e o litterato Ervedosa, os dois mais desbragados esturdios do Porto de 1847, acamaradaram-se com o velho confrade de Coimbra, e reviveram as bambochatas de avinhada memoria.

Alberto da Gama, como filho de um negociante de algodões, conseguira ser acceito na sociedade Terpsichore; e o litterato, que se fazia medonho com a insolencia caustica do seu noticiario, obtivera fazer-se approvar, não obstante uma maioria de vinte e sete favas negras no primeiro escrutinio. A fava é, desde muito, a representante das consciencias que opinam sobre o merito das outras.

Henrique fôra apresentado aos directores da Terpsichore por Alberto da Gama, e comportou-se cavalheiramente no primeiro baile, bem como o Ervedosa, que, n'um excesso de longanimidade, escreveu, n'uma local de meia columna, que o serviço fôra profuso, e que as damas, em numero de cincoenta, podiam disputar belleza ás circassianas, e virtude ás onze mil virgens. Com o que, directores e pais de familia ficaram contentissimos; e, no baile seguinte, que é este em que estamos, offereceram a Ervedosa um caldo de galinha, uma hora antes da distribuição geral, que era ás duas horas da madrugada.

Henrique, depois que Itelvina, esbofada de valsar, se sentara ao lado da mãe, foi procurar Ervedosa e Alberto da Gama, e encontrou-os na dispensa, comendo pão de ló, e provando (provando, santo Deus!... tresfegando, é o termo) os vinhos velhos, diaphanos e limpidos como topasios, com grande gaudio de alguns directores não menos perdularios que beberrões.

Arranchou Henrique ao destroço da garrafeira

economica, em quanto o mais liberal dos directores, dando vivas á bella rapasiada, mandava, a expensas suas exclusivamente, buscar um pipote de Douro de 1830 para supprir o desfalque.

Os tres amigos sahiram da dispensa com um crescimento de vida, e uma felicidade tão sincera e suprema, qual a não sentiria a humanidade, se voltasse ás condições bem-aventuradas de Eva e Adão, como o naturalista Buffon as imaginou.

Entraram á sala, onde as muitas luzes, a musica, e as mulheres de branco e rosa, lhes acrisolaram o arrobo das visões.

—É aquella! disse Henrique, indigitando Itelvina, que passava arrebatada nos braços de um caixeiro.

—É filha do meu despachante—disse Alberto—Já lhe quiz fazer a côrte, cheguei a mandar-lhe um ramo de flores pela criada da mestra, e ella poz as flores ao seu Santo Antonio.

—Sabe fallar aquella mulher?—perguntou Ervedosa.

—Correntemente—disse Henrique—Perguntei-lhe se n'esta sala estava o objecto dos seus cultos, e ella respondeu-me que não tinha objecto de cultos. Depois, abordou-nos um pelludo de cabeça quadrada chamando-lhe Custodia.

—Chama-se Custodia ella!?—atalhou o litterato.

—Chamou-se Custodia: agora é Itelvina... Amo-a! Sabem vossês o que é amar com o coração n'um ba-

nho de vinho do Porto? Amo-a, como Seneca amava a virtude, n'um banho de agua; e como Marat amava a liberdade n'um banho de sangue!

—Eu tambem a amo!—exclamou Ervedosa, a tregeitar truanescamente, chamando assim a attenção de alguns homens gordos e graves.—Vou-lhe dizer que a amo como a lua ama o lago, e o lago as estrellas, e as estrellas o lago!

—Não berres que nos observam, e põe-nos fóra!—interrompeu Alberto, simulando uma seriedade que o verniz dos olhos e as difficuldades em manter o aprumo desmentiam.

A eloquencia do noticiarista não se abafava com meras considerações. Proseguiu declamando, e o bacharel rindo, e Henrique Pestana cascalhando tambem dos tregeitos iracundos dos burguezes, que se iam perfilando em roda. Um d'estes, mais cioso da seriedade prescrevida nos estatutos da Therpsichore, (capitulo 2.°, § 3.°) sacudiu os braços e a cabeça, manifestando sua indignação, e tirou do peito estas judiciosas palavras:

—Aqui anda vinho de mais, ou eu não sou Antonio José da Silva!

Ao que os seus amigos, unanimes em tino e opinião, responderam:

—Estão que se não lambem! Cuidam que isto é taverna! *etc*

Ervedosa mediu de alto a baixo os qualificadores do seu vinho, e disse:

—Onagros! que estupida Circea fez d'estes cerdos homens de casaca!?

Posto que os illitteratos burguezes não entendessem a mythologica apostrophe, adivinharam instinctivamente que eram insultados em suas casacas, pelo menos. Em razão do que, o mais laconico de todos, replicou:

—Fóra, bebados!

Alberto, mais insoffrido que o jornalista, e mais conhecedor dos sujeitos que tão grosseiramente o invectivavam, começou discorrendo ácerca de cada um dos cinco presentes directores da Terpsichore. Ervedosa e Henrique compunham um côro de gargalhadas, ao estrondo das quaes acudiram muitos caixeiros, e Bazilio Fernandes Enxertado, de peor semblante que os mais.

—Ponham-se fóra estes pandilhas!—vociferava um director, mercieiro da rua das Congostas.

—Fóra! fóra!—conclamaram em grita descomposta os outros, sendo algum tão ousado que chegou a empurrar Henrique.

Este ousado era Bazilio, cujos assomos brutaes se explicam pelo ciume, ciume que rebentara juntamente com a primeira florinha de amor de sua alma; florinha não; melhor se dirá cardo de amor, que lhe estava picando o coração, com toda a fereza do instincto selvagem, que assanha o gato aos primeiros calores de paixão pela femea, requestada de outros.